

Wilson Bueno: la urdidura esencial del afecto

João Perci Schiavon

Fulgurações de uma língua indígena

A descoberta freudiana do inconsciente, operando uma imersão no campo desconhecido das forças, teve, desde o início, o aspecto de um combate. Formações do inconsciente como o lapso, o sonho, o sintoma, que designaríamos igualmente pelo termo *formações de poder*, dão testemunho clínico e cotidiano de uma linguagem que se utiliza dos idiomas mas é anterior a eles. É uma linguagem que remete às forças.

O que Freud chamou de metapsicologia, entendida por alguns autores como teoria de alto nível e de valor meramente especulativo, é, na verdade, uma ética e uma política que, segundo as linhagens ativas do inconsciente, permanecem estrangeiras - com raras exceções - às práticas sociais em vigor, ainda que, como é de supor, se insinuem por toda parte - sob o aspecto de uma questão em aberto, de um problema colocado pela vida, tal qual uma ferida, implicando graus diferentes de exercício, assim como de deserção. Suas repercussões nos processos da vida são enormes, para não dizer absolutas, pois, em última instância, não se distinguem de uma clínica.

Dado que os poderes do inconsciente constituem uma linguagem que é, ao mesmo tempo, sua inteligência e propagação, recebem de uma literatura menor, conforme a feliz definição de Deleuze e Guattari para a potência literária, a acolhida oportuna, isto é, a expressão necessária, precisa, que não é senão a escritura singular *das* forças e de suas interações. Teóricos da psicanálise, entre eles Lacan, ao abandonarem o conceito de força, perderam de vista a precisão clínica e política em jogo nas formações do inconsciente. Ou seja, perderam de vista que uma força *é um critério ao mesmo tempo clínico e*

político, e, embora seja simples, feita de uma única peça, é altamente refinada, e muito especialmente em razão de sua linguagem.

[...] como un juego-de-jugar: el viejo contemplativo pero su duro mundo generalíssimo, la fuerza mortal, si, para ecudada estar-se en el poder del mundo ô en la sangre vomitada por las metralhas, senderos, lugos ribondis, la cara en pan, la cara en pano, la cara en pane, los ojos mortales detrás de los lenços guerrijeros, nenfas de lufas, então foi lo que no se podría mais, esto relato, sus lendas interiores, sus grados de rama, sus lenteses dárquicos, su ternura irremediable, dios, prados, adêlias, su andado de vômito, esto relato solo quer y desea sê-lo uno juego-de-jugar: como los dioses en el princípio, en el tu-pã-karai, antes del des-princípio de todo, los dioses y su lance de dados, su macabro inventar, oguera-jera, esto mundo achy: como un juego-de-jugar: ñe'-e.¹

Por essa razão, distinguimos, como faz Leminski a propósito de Wilson Bueno², uma subjetividade literária dos outros modos de subjetivação de uma cultura. Em face à precipitação no real que essa subjetividade encarna, é preciso dizer que a psicanálise *sempre* foi salva pela literatura, entendido

1 Bueno, W. *Mar paraguayo*. São Paulo: Iluminuras, 1992, p. 35.

2 Em 1986, em prefácio à primeira edição de *Bolero's Bar*, de Wilson Bueno, Leminski fez um retrato do artista quando jovem: "Buscando o específico irreduzível de seu fazer textual, ocorre-me que é, sobretudo, um discurso da *subjetividade*. De uma subjetividade. De uma subjetividade aberta aos seres, às pequenas coisas, aos mini-eventos do cotidiano, muito material. [...] Agora, nos entendamos bem: *subjetividade*, para mim, nada tem que ver com o mito romântico de um suposto *eu*, histórico, psicológico, que se expressa em palavras, pondo para fora seus demônios, exorcizando suas obsessões através das palavras da tribo. [...] Falo, aqui, de subjetividade *literária*: para mim, quem diz *eu*, na obra literária, já é um personagem. [...] O primeiro personagem que um escritor cria é ele mesmo: é esse ectoplasma literário quem diz *eu*, e finge ser o autor. Na vida real, o eu histórico, o da carteira de identidade, é apenas o fornecedor de dados, o traficante de vivências para o verdadeiro culpado, o eu-personagem, o eu-persona, este sim, o verdadeiro criador" (Bueno, W. *Bolero's Bar*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2007, p. 12 e 13).

que salvar, aqui, equivale a curar³. Salvemo-la, mais ainda, para que ela se torne mais afinada e digna – isto é, continue adquirindo o direito, não, obviamente, institucional, que nesse caso é inócuo, mas diretamente da vida – de operar no plano das forças, o céu da escrita.

Bueno faz passar um rio de linguagem por entre os idiomas, algo assim como “el habla del agua”, para usar a expressão de Roberto Echavarrén⁴. Por esse expediente *marafó*, tornou-se estrangeiro aos idiomas próximos, ou mesmo íntimos, cujas imbricações imprevisíveis tecem um único luxuriante tecido, embora se possa afirmar que sua *recherche du temps perdu* envolve, certamente, idiomas longínquos, quem sabe se algum dia falados, e é isso que o autor de *Mar paraguayó* pensa acerca da linguagem e sua vertigem, que ela não tem começo nem fim, ou, como a alma de Heráclito, não conhece limites, tão profundo é o seu logos.

Un aviso: el guaraní es tan esencial en neste relato quanto el vuelo del párraro, lo cisco en la ventana, los arrulhos del portugués ô los derramados nerudas en cascata num solo só suicídio de palabras anchas. Una el error dela outra. Queriendome talvez acabe aspirando, en este zoo de signos, a la urdidura esencial del afecto que se vá en la cola del escorpión. Isto: yo

3 Retomamos o que J. A. Miller observava a propósito do seminário de Lacan sobre Joyce – que a psicanálise era salva pela literatura (em Lacan, J. *O Seminário. Livro 23: o sinthoma*. Tr. br. Sérgio Laia. Rio de Janeiro: Zahar, 2007). Sempre foi assim, a começar pela forte inclinação literária de Freud. Lembramos também aqui uma digressão heideggeriana em torno do verbo alemão *zu heilen*, que se traduz igualmente por salvar, curar e tornar íntegro.

4 Título do Prólogo de Roberto Echavarrén para *Canoa canoa*. Eis um trecho: “Wilson Bueno sigue la línea de escritura que recrea un habla rural e campesina, un habla de campo adentro, de contundente efecto poético, con dejos de guaraní, sea en las expresiones, sea en la topografía. Pero Wilson, más allá de ese habla brasilera condicionada por la vida rural, el pasado indígena, los nombres de lugares, accidentes, ríos, recrea el impacto de las fronteras de Brasil con Argentina, con Paraguay, con la Banda Oriental (la ‘Cisplatina’), y su portugués se mistura, se contamina, de castellano. Canoa es otra entrega del maestro que nos dio ‘Mar Paraguayó’, un parteaguas de la lengua del continente. La escansión de términos guaraníes otorga al escrito un efecto rítmico poderoso, encantatorio. No sabemos en qué siglo vive o vivió quien cuenta estos relatos, que parecen acarrear el rumor del tiempo, el misterio de un eco lejano, un habla de las abuelas, que inserta devociones antiguas y miedos ancestrales. Más un efecto humorístico sutil, a causa del desfasaje entre idiomas, y del desfasaje también entre el habla ancestral y la sofisticación ‘moderna’ de la sensibilidad” (Bueno, W. *Canoa canoa*. Córdoba-Argentina: Babel, 2009, p. 9).

desearia alcançar todo que vibre e tine abaixo, mucho abaixo de la línea del silêncio. No hay idiomas aí. Solo la vertigen de la linguagem. Deja-me que exista.

O guarani se parece ao voo do pássaro, ao cisco na janela, aos arru-
lhos do português, pois com ele o escritor tece uma teia ou rede intrincada,
mais ou menos à maneira dos autistas de Deligny mapearem seus trajetos,
isto é, à maneira errática, detectadora, urdindo fios de percurso, de fuga ⁵,
como faz, talvez, um animal. Uma linguagem inata? Uma língua indígena?

Em *A copista de Kafka*, Wilson Bueno indica uma das direções de sua
obra original, a fabulação sombria, envolta em atmosfera de farsa, de um *jue-
go-de-jugar* quase humorístico com a linguagem e a literatura, especialmente
pela dobra da dobra, *oguera-hera*⁶: Kafka redivivo, sob o escrutínio epistolar,
devoto e apaixonado, de Felice Bauer. Existe alguma comunidade literária en-
tre esses escritores tão distantes em tantos aspectos? Além da marcante zoofi-
lia, o humor é um desses pontos em comum, tão bem assinalado por Deleuze
e Guattari a propósito do autor tcheco. Mas não são os únicos. As novelas e os
romances de Kafka são feitos de trajetos, de desvios e percursos infindáveis,
enquanto as novelas de Bueno percorrem a linguagem errante, rizomática,
dos idiomas fronteirios. São modos e estilos muito próprios, sem similar, e,
todavia, se encontram num procedimento que vetoriza o conjunto de cada
obra. Utilizando-se de meios literários diversos, esse vetor, que, aliás, promo-
ve a abertura da obra, poderia ser descrito como a reasseveração constante de
uma decisão. Joseph K., em *O processo*, do mesmo modo que K. em *O castelo*,
são agentes do desejo, nos termos em que Lacan soube enunciar sua ética: não
abrem mão dele. Tio Roseno, Canoa canoa, a marafona de Guaratuba, embora
se apresentem em voltagem barroca e hispano-americana, tão diferente da
sobriedade delirante do texto kafkiano, perseveram igualmente em seu ser
extemporâneo, como num cristal de tempo.

Ahora, añái, por supuesto, por suplicio, deja morir ao muer-
to. [...] Frontêra de la frontêra de la frontêra; guarânia. Añái.

5 Cf. Pelbart, P. P. *O avesso do niilismo - cartografias do esgotamento*. São Paulo, n-1 edições, 2013, p. 264.

6 Em guarani, algo assim como desdobrar-se a si mesmo em seu próprio desdobramento; a dobra da dobra da dobra (cf. Bueno em seu *elucidário* ao *Mar paraguayo*, op. cit., p. 77).

Arametãmeguaaé. Añaretãmegué. Yo, incensada en las lanchonetes como la senôra-de-las-argôlas - por mis brincos, pulseiras y pingentes. Cílio-en-debrun. Maquilage rôsa. Yo, la marafona del Santana; del sino de Aquário. Siempre un peligro e una amenaza de poner confussas las leyes y los desregulamientos de las leyes, de acá, deste trecho, de cháó en Aquidauana. Aña. Añaé.

Dale la muerte al muerto, ni que esto sea la más perfecta representación de un derruimiento para siempre fatal e irreversible. Lo que se passa, pasma, yo lo sé - es el aturdido mistério, el muerto atônito, la vida y la sobrevida; en la dôbla de la dôbla, la dobladura final.

[...] Frontêra, lírios, frontêra; el polvo destes caminos a saibro y arena; el polvo del polvo en pó. Dale al muerto, sin tardanzas u manhas, dale su oscura sepultura. Uno no hay que tener piedad a el muerto que tan profundamente muerto está que já no vive, já no vive nada más. Que de espíritos? Que de vuelos? Que de revuelos u retornos? Donde, del muerto, la tempestade lunar? Aña. Añaretãmeguá.

Pero si dejas que el muerto muera toda la muerte que carga dentro, allí adonde fue el morto habrá de nascer, brotación monstrosôssa, aun ôtra vez, la vida, esta misma que los índios seguidamente lloran y temblan sobretudo por saberla para siempre inmortal. Jugo u juguete? Aña. Añaretãmeguá. Añaí.⁷

Seguindo as pistas de Bueno, escalonemos alguns problemas cruciais da linguagem e sua vertigem. Veremos que são os da vida em seus diferentes graus de experimentação, enquanto estes assinalam as graduações de um único pensamento-problema que, a cada altura, adquire uma feição: como a vida se torna vitoriosa?

7 Fragmento do conto intitulado "El diablo de média-noche", da série *Cuentos marafos*, ainda não publicada.

Comunicar, comandar, acordar

Repercutindo aquela língua indígena, os idiomas, em especial nas suas invasões mútuas, como acontece em Wilson Bueno, parecem afetados de um poder estranho, desconcertante, que os renova, vitaliza, e quase, em certo sentido, os inviabiliza, se sua função era comunicar.

[...]: mi desamparo seria menor acaso non houvesse a estas hoaras tan y tantas estos silêncios longos, diagonais al abismo: la ocataêdra florita de consistência imortal: la persigo: la consistência: el nudo vivo: microscópica acentuación de que todo y qualquier puede embaralhar-se en una sola y mecânica aguçada: fatal: la finco y finco: como quien espeta la justícia si tarda: un punto de finíssimo crochê: ñandu: ñanduti: ñandurenimbó: uno solo punto solitário e casi al lejo de la comprensión ocular ô humana: ñandu: puntos móveis: mijones mínimas a escapar del huevo por la línea fragíl de la telaraña: ñandurenimbó, evadindo-se mijones: hetaicoé: muchos de muchos mijones: ñandumichi: ñandu'i: a la caça de la vida...⁸

Mas é possível que os idiomas servissem mesmo para comandar, determinar, conforme a função da palavra de ordem sublinhada por Deleuze e Guattari em *Mil platôs*. Nos dois casos, sobretudo no segundo, como se tomados de assalto, são subvertidos pela estranheza pulsional. Servem de matéria para uma aventura infra ou supra comunicacional, se quisermos, não sem testemunhar - o que é o mais decisivo - uma reversão nas condições de comando e subordinação. Com a transmutação que sofrem, o comando retorna, de grau em grau, à vida, o que poderia ser chamado de involução, e ao invés de comunicar, dão a ver, produzem luzes, aguçam a visão, fazem sentir, pensar novamente. Em outras palavras, a literatura menor não se distingue de um dizer real (o que é redundante), daí seu poder de acordar os que dormem e até, quem sabe, ressuscitar um morto. Algo tão essencial à vida como acordar - leia-se Bergson - se comunica na vertigem dessa linguagem, mas enquanto

⁸ Bueno, W. *Mar paraguayo*, op. cit., p. 45.

ela é exercida, e ela precisa ser exercida, mediante os meios linguísticos e expressivos disponíveis. Reside aí, *nessa necessidade*, o desejo, a decisão, como tal indissociável de uma prática constante. Esta, porém, embora coloque no mesmo plano do inconsciente tudo quanto toca, se aprofunda ou, se quisermos, se eleva (aos céus), em diferentes graus de esclarecimento - que são também de desprendimento e poder -, na medida mesma de sua constância.

O domínio da vida

O poder desconhecido que vem da vida, e é a vida, não é possuído sem que aquela decisão esteja em curso, de modo que ele é exercido e assegurado eticamente. É o que dá o direito, o que autoriza a situar-se no nível do inconsciente, das forças e de sua linguagem quase inarticulada. Ora, surgem exigências a cada passo, provas do desejo que não seguem um caminho de prescrições conhecidas, recenseáveis, que não se confundem com uma iniciação, exceto se for uma iniciação em fuga, que se esquiva às soluções já estruturadas e exige, pelo contrário, uma avaliação pulsional constante. Essa exigência, ela mesma, constitui uma direção, um processo de cura e um dizer. O que se chamaria de errância dá assim testemunho, ao avesso, de um poder capaz de operar - muito abaixo da linha do silêncio - a linguagem dos afetos originários. E isso, insistimos, graças à univocização ética que percorre essa linguagem, e na qual esta se instala, sem começo e nem fim. O poder em questão consiste, precisamente, nessa univocização ética, embora disso se tenha escassa notícia, com exceções. Nomeamos Spinoza e seu *amor intellectualis dei* e Nietzsche e sua vontade de poder. A univocização gradua, por ser ela mesma graduada. O exemplo, de novo, é o herói kafkiano, o mais ético dos heróis literários, aquele que por uma normalidade absoluta aparece como extravagante, incompreensível, marginal, perigoso, num universo profundamente enlouquecido que, no entanto, se concebe sublime e perene, inteiramente razoável, necessário, justo. Como não ver que a vida, denominada K., luta obstinadamente para resistir, não perder de vista sua linha de força, e isso em nome de uma prospecção constante, ao mesmo tempo estratégica e afetiva, de estágios mais avançados de potência? Há muito de Deligny em Kafka e em Bueno (ou vice-versa) - detectar, esquivar-se, errar (desprovido de um alvo final), fugir. Mas os graus de domínio da vida, de sua soberania, de sua glória, tencionam - dir-se-ia silenciosamente - a escrita vertiginosa de Kafka assim como a de Bueno,

e incitam a explorar os meios desse domínio inquietante, as exigências, as modulações, seus múltiplos céus. É toda uma clínica em andamento, pois a capacidade de resistir, a lucidez a cada vez e a acuidade para ver além do momento presente são decisivos em todos os embates, não importam a altura e a modalidade em que estes se verifiquem. Mas não se resiste sem pré-condições, ou seja, sem um direito a isso. Não se garante a lucidez sem que certas condições, relativas aos atos e aos afetos – considerados em sua ordenação singular (o que vem primeiro e o que é secundário) –, sejam rigorosamente observadas. E a visão do futuro só é possível mediante uma prática, aqui e agora, implicando todos os aspectos precedentes. É por isso que o escritor chega a ser, como diz Deleuze, médico de si e do mundo.

Algo similar a K. é Tio Roseno, em sua peregrinação alucinatória. É instigante a epígrafe, de autoria de Cesar Aira, com que Bueno irá abrir a sua “lenda”, *Meu tio Roseno, a cavalo*: “Hay sábios antiguos que, como vejigas secas y desinfladas, han cabalgado los vientos – y no sabían si era el viento quien los transportaba o ellos los que movían al viento”. Ser conduzido por forças não humanas ou conduzi-las é um dos problemas maiores do inconsciente. E o começo dessa novela exemplar, para lembrar Cervantes e seu Quixote, do qual Roseno parece ser um duplo burlesco⁹, é suficiente para colocar em relevo uma destinação originária, na medida em que evoca um tempo extra pessoal indissociável da escrita híbrida, fecunda e singularíssima de Wilson Bueno. O intempestivo, ou o tempo da pulsão, se deflagra aqui como um regresso inesperado, alucinatório, à errância do cavaleiro andante, que, todavia, sempre tem um destino. Neste caso, Andradazil, sua filha em gestação, “toco de gente marcado para crivar de bala toda a guerra do Paranaíba, muitos anos depois deste céu que ora embala e sossega...”. Tio Roseno não deixa de figurar aquela espécie de catatonia destacada por Deleuze e Guattari em *Mil platôs*, a propósito dos romances de cavalaria medievais. Sua odisseia é antes de tudo intensiva, daí as variações de seus estados se refletirem diretamente em seu nome: não um significante, mas uma variação contínua que se escreve e ressoa no tempo, tornando sensíveis, visíveis e audíveis as vicissitudes da viagem, assim como as tonalidades de humor – do sobrinho escritor ou do tio lendário? Trata-se, contudo, de uma viagem que parece ocorrer no mesmo

9 Conforme Benedito Nunes, na apresentação de Bueno, *W. Meu tio Roseno, a cavalo*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

lugar, em algum *entre-céu* do pensamento, porque mesmo as paisagens reverberam, oníricas, na língua indígena: “Periplo de agua y espuma, hetavé, hi’á, nosso tio e os rios pequenos, o Mitãchu’í, assanhado coleando, e fino, assim de asas, o Iruná, o Agriãozinho, o Verde, e o Corasí’ivi, neblina, picaflor, com seu serpenteio miúdo...”¹⁰. O delírio viajero, que não exclui visagens e assombrações, não se distingue de um dizer soberano, de uma vida.

O dia em que meu tio Roseno montou o zaino Brioso e tocou de volta para Ribeirão do Pinhal, ainda não era o dia em que eu nasci, aquele treze de março de mil novecentos e quarenta e nove, e nem havia chegado a hora da quinta tentativa da mulher, Doroí, de dar à luz um filho que legitimasse o entranhado amor que nutria, bugra esquiza e de olhos azuis, por este meu tio tocador de sanfona e capadeiro de galo, aquele tempo antes da Guerra do Paranaíba.¹¹

A escrita de Bueno parece começar antes dele, prepara seu advento, antecipa-se, encontra-o alguns anos depois. Não evocamos nada de misterioso, apenas o nascedouro impessoal do escritor Wilson Bueno, sua origem intempestiva. Poderíamos dizer seu “espírito”, se com esse termo designássemos uma potência de fala e escrita e seu exercício.

E aí então que foi o primeiro céu - o meu tio Roseno, também Roseéno, Ros, Rosenveno, Roselno, o meu tio Rosano, distante cinquenta léguas e meia de Ribeirão do Pinhal, e a menos de um quilômetro do rancho que acabara de deixar no entroncamento do Breu com o Laranjinha, para lá de Guairá, onde, com o negro xucro Tionzim, cultivava uma roça de milho, extenso maizal, aí então que foi o primeiro céu.¹²

Assim tem início essa “ficção sagaz”, segundo Benedito Nunes,

10 Bueno, W. *Meu tio Roseno...*, op. cit., p. 61. HETAEVÉ: muitas coisas mais; HI’Á: frutificar; MITACHU’Í: criancinha, por extensão, criancadinha; CORASÍ’IVI: recanto dos beija-flores.

11 Ibidem, p. 13.

12 Idem.

orientada por certo número de céus. Os diversos círculos da *Divina Comédia* poderiam ser igualmente evocados, mas somente para reforçar o que estivemos anunciando até aqui: por um lado, a introdução a uma obra que se constrói em diferentes alturas do tempo, por outro, a exploração de suas possíveis interações, sobretudo clínicas, com o pensamento analítico, na medida em que este se orienta - e também se esclarece - por uma ética do inconsciente.

Os graus do real

O que autoriza o uso dessa linguagem *mucho abaixo de la línea del silêncio*? A determinação ética de que falamos. E são os graus do exercício ético que também decidem os graus de efetuação da língua indígena. Podemos dizer que esses graus são igualmente os da força, do real ou da saúde, como preferirmos. Wilson Bueno é o nome de uma pesquisa meticulosa desses graus, que nunca se tornam vivíveis sem lutas, impasses, quedas, desesperanças. Em todos os processos subjetivos repercute, porém, a ética da pulsão, segundo a qual a vida quer ser vitoriosa, ou seja, tudo é permeado por ensaios, mais ou menos obscuros, de efetuação da língua indígena, a saúde em gotas. É que existe muito chão a ser percorrido, muito sintoma a ser decifrado, entendido que decifrar é desdobrar passo a passo, mas também por saltos e precipitações, os céus dessa linguagem. E com eles os *entre-céus*¹³, rarefeitos e quase inexplorados, de uma vida impessoal.

A propósito de *Mar paraguayo*, diz Néstor Perlongher:

O efeito do portunhol é imediatamente poético. Há entre as duas línguas um vacilo, uma tensão, uma oscilação permanente: uma é o 'erro' da outra, seu devir possível, incerto e improvável. Um singular fascínio advém desse cruzamento de 'desvios' (como diria um lingüista preso à lei). *Não há lei*: há uma gramática, mas é uma gramática sem lei; há uma certa ortografia, mas é uma ortografia errática [...]¹⁴.

13 *Entre-céus*: fendas entre os céus que, como limites últimos, orientam a narrativa de *Tio Roseno*.

14 Perlongher, N. Sopa paraguaia (Prefácio). In: Bueno, W. *Mar paraguayo*, op. cit., p. 9.

É em face da limitação a uma lei de linguagem, tão bem assinalada por Perlongher, que a “essencial urdidura del afecto” deve ser cuidadosamente estimada, pois tende a aparecer como desvio e transgressão. Não é um problema menor do inconsciente discernir a palavra legítima que, acima da linha do silêncio, adquire esse aspecto. Autorizar e autorizar-se, este último ato como dobra existencial, são prerrogativas originárias da vida, de tal modo que todos os embates políticos e todos os destinos clínicos recebem dela sua medida. Se a arte é resistência, como quer Deleuze, é porque preserva, intransferível, esse quinhão da vida.

Seguindo a ordenação do vetor pulsional, imanente à sua linguagem, corrijamos ainda uma vez (e sempre que preciso) o intelecto: o “devir possível”, evocado pelo poeta em nome da criação, é o real do ponto de vista de uma língua indígena¹⁵; o “incerto”, ressaltando a indeterminação de origem, é o certo (ou certo) do ponto de vista dos afetos originários, e o “improvável”, enquanto constata a raridade do verbo em transe, é o necessário do ponto de vista ético.

O sétimo céu desta fábula estrela, vês?, tão sucinto, de novo entardece – só uma linha e a fímbria do horizonte.¹⁶

*João Perci Schiavon, psicanalista, publicou *O caminho do campo analítico e A lógica da vida desejante* (Travessa dos Editores, 2002). Doutor em Psicologia Clínica pela PUC-SP, com a tese *Pragmatismo pulsional*, a ser publicada pela n-1 edições, faz atualmente seu pós-doutorado no Núcleo de Estudos da Subjetividade na PUC-SP.

15 Neste sentido, não há como des-criar o real, como quer Agamben (cf. a menção a esse autor em Pelbart, P. P. *O avesso do nihilismo*, op. cit., p. 296). É claro que sua noção de real é outra, mais próxima do que chamaríamos de realidade. Mas não se deve prescindir do real enquanto começo e lugar de chegada, sob pena de fazer valer qualquer coisa. Nós o propomos, todavia, em graus, para assinalar a necessidade de deslocamento e inibir a pretensão de atingi-lo de uma vez por todas. Estamos no domínio da imanência, onde mesmo o pensamento, e mesmo o sentir, são uma prática.

16 Bueno, W. *Meu tio Roseno...*, op. cit., p. 80.

